

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



## REFLEXÕES SOBRE A MORTE EM TEMPOS DE COVID-19: desafios para os/as assistentes sociais inseridas em um Centro de Alta Complexidade em Oncologia

Soraya Ferreira da Silva<sup>1</sup>  
Raquel da Silva Amorim<sup>2</sup>  
Marinara Melo da Silva<sup>3</sup>  
Dalmira Monteiro Pontes Simor<sup>4</sup>  
Mônica Cristina Moraes Sosinho<sup>5</sup>

### RESUMO

Este texto foi desenvolvido a partir de uma pesquisa realizada em um Centro de Alta Complexidade em Oncologia (CACON) sobre os impactos da pandemia no trabalho dos/das assistentes sociais desta instituição. Como metodologia utilizou-se uma abordagem qualitativa, exploratória e de campo, no qual aplicou-se uma entrevista semiestruturada com sete assistentes sociais atuantes no espaço já citado. Após a coleta e tratamento dos dados emergiram várias categorias. Contudo, para este estudo, elencou-se apenas três relacionadas aos desafios para os/as profissionais que atuam junto aos familiares e/ou responsáveis no momento do transcurso da morte dos sujeitos adoecidos: a alta demanda de óbitos, a organização destes junto aos familiares enlutados e, por fim, a requisição da comunicação de óbitos pela instituição empregadora. Conclui-se que o/a profissional deve estar alinhado ao que está disposto nos preceitos teóricos, éticos e legais da profissão para que não incorpore ações que sejam divergentes ao que está preconizado.

**Palavras-chave:** Processo de Morte. COVID-19. Desafios Profissionais.

### ABSTRACT

This text was developed based on research carried out at a Center for High Complexity in Oncology (CACON) on the impacts of the pandemic on the work of social workers at this institution. As a methodology, a qualitative, exploratory and field approach was used, in which a semi-structured interview was applied with seven social workers working in the aforementioned space. After collecting and processing the data, several categories emerged. However, for this study, only three were listed related to the challenges for professionals who work with family members and/or guardians at the time of the death of sick subjects: the high demand for deaths, their organization with family members

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará; Assistente Social; Mestranda do PPGSS/UFPA; soraya.ufpa@gmail.com

<sup>2</sup> Hospital Ophir Loyola; Assistente Social. Mestre em Serviço Social.

<sup>3</sup> Hospital Ophir Loyola; Assistente Social. Especialista em Serviço Social na Saúde.

<sup>4</sup> Hospital Ophir Loyola/Universidade Federal do Pará; Assistente Social residente no Programa de Residência Multiprofissional em Oncologia - Cuidados Paliativos.

<sup>5</sup> Hospital Ophir Loyola; Assistente Social. MBA em Administração Hospitalar.

#### PROMOÇÃO



#### APOIO

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



bereaved and, finally, the request for the communication of deaths by the employing institution. It is concluded that the professional must be aligned with what is provided in the theoretical, ethical and legal precepts of the profession so that he/she does not incorporate actions that are divergent from what is recommended.

**Keywords:** Death process. COVID-19. Professional challenge.

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo é fruto de uma pesquisa realizada para a produção de um Trabalho de Conclusão de Residência sobre os impactos da pandemia pela COVID-19 no trabalho do/da assistente social inserido/a em um Centro de Alta Complexidade em Oncologia.

O interesse em realizar tal investigação advém da inserção de uma das autoras em um Programa de Residência Multiprofissional em Saúde durante a pandemia, na qual observou-se que esta crise sanitária redimensionou o trabalho profissional e evidenciou alguns desafios para o/a assistente social inserido nesta CACON.

Portanto, a pesquisa que subsidia a produção deste trabalho foi do tipo exploratória, com abordagem qualitativa e de campo. A perspectiva teórico-metodológica utilizada foi o materialismo histórico e dialético por se apreender a dinamicidade da realidade e que esta é permeada por múltiplas determinações. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um formulário de entrevista semiestruturada, a qual foi aplicada com 07 (sete) assistentes sociais que atuam nesta CACON. Os dados coletados foram tabulados e analisados a luz da técnica de Análise de Conteúdo, com base em Laurence Bardin.

A pesquisa seguiu todos os parâmetros éticos dispostos na Resolução nº 466/12, a qual dispõe sobre as normas de pesquisa envolvendo seres humanos. Além disso, foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, através da Plataforma Brasil, obtendo aprovação sob o número de Parecer 5.338.110/22 (CAAE: 56508022.2.0000.5550).

É necessário evidenciar que de todas as categorias emergidas na pesquisa empreendida, este estudo irá abordar somente às que estão relacionadas aos

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

desafios enfrentados pelos/as assistentes sociais, considerando o processo de morte, este intensificado pela COVID-19.

Para a melhor sistematização dos dados, o trabalho está dividido nas seguintes seções: a primeira diz respeito a esta introdução; a segunda tece algumas reflexões sobre a morte e como este fenômeno se situa na contemporaneidade; a terceira traz alguns apontamentos sobre os rebatimentos da pandemia pela covid-19 na vida social dos sujeitos; e dentro desta há uma subseção versando sobre alguns desafios impostos aos/às assistentes sociais quando se deparam com o processo de morte no momento da crise sanitária ora vivenciada.

## 2 BREVES REFLEXÕES SOBRE A MORTE

Para iniciar o debate acerca da morte, é necessário evidenciar que esta é circunscrita a partir de mudanças no comportamento social dos sujeitos, os quais potencializam rupturas sociais de acordo com cada momento histórico, diferenciando-se as apreensões e, até mesmo, os comportamentos frente a este processo. Logo, a morte não pode ser considerada somente como um fato biológico, mas como um fenômeno que se faz presente nas relações sociais estabelecidas entre os sujeitos (SOLEDADE & SOUZA, 2021).

Durante muito tempo, a morte foi relegada a margem dos debates teóricos, assim como afirma Menezes (2004), pois até os anos de 1970 encontravam-se poucas literaturas que abordassem o tema. A partir desta década, a morte passou a ter centralidade nas investigações realizadas por pesquisadores vinculados às ciências sociais.

Tais pesquisas destacavam que nas sociedades ocidentais havia a presença de um silêncio no que diz respeito a morte, além do ocultamento do sujeito em processo de finitude, caracterizando-o como atributo da modernidade, já que em sociedades tradicionais “[...] a morte era vivenciada de modo mais familiar e onipresente, menos oculta, o que não significava que se tratasse de uma experiência

PROMOÇÃO



APOIO



tranquila, uma vez que os sentimentos religiosos de culpa e medo do castigo eram frequentes” (*Idem*, 2004, p. 29).

Na antiguidade a morte se fazia presente no cotidiano dos sujeitos, tendo em vista as altas taxas de mortalidade por doenças que acometiam os indivíduos ou comunidades inteiras. Com o avanço da medicina, estas taxas diminuíram, sobretudo, a partir da criação de vacinas para as enfermidades que dizimavam populações. Observou-se, pela primeira vez na história o prolongamento da vida que culminou no processo de envelhecimento populacional, já que tal avanço buscava também proporcionar mais qualidade de vida. Este transcurso distanciou a morte do imaginário social dos sujeitos (KLUBER-ROSS, 1969).

Em toda a história da humanidade já registrada, o ser humano busca formas e fórmulas da imortalidade, na tentativa de triunfar sobre a morte. Esta assertiva pode ser representada pela metáfora da “[...] morte do dragão ou monstro. Os heróis podem conseguir tal façanha, mas os mortais não. E o homem é um ser mortal, cuja principal característica é a consciência de sua finitude - isso o diferencia dos animais, que não têm essa consciência” (KÓVACS, 1992, p. 2). Ou seja,

Há algo que caracteriza o ser humano como tal e o diferencia dos animais, é a consciência da sua morte e finitude. Ele tem um nome, uma história, tem o status de um pequeno deus em relação à natureza. Por outro lado, possui um corpo que sente dor, adoce, envelhece e morre. O homem está bipartido: ao mesmo tempo que sabe de sua originalidade e poder de criação, reconhece sua finitude de forma racional e consciente. Vive toda a sua existência com a morte presente em seus sonhos, fantasias. Durante toda a sua existência, o ser humano tenta driblar esse saber, essa consciência e age como se fosse imortal (*Idem*, 1992, p. 24).

Soledade & Souza (2021) exemplificam algumas formas de buscar tal imortalidade, a partir dos costumes de duas culturas: a Egípcia e a Asteca. A primeira dedicava-se na construção de esculturas, imagens em tumbas, dentre outros ritos e formas, objetivando “burlar” a finitude da vida terrena. Já a segunda realizava “rituais sanguíneos” para garantir a continuidade da vida, tendo em vista que consideravam “[...] os sacrifícios humanos como vitais e que se eles cessassem com o cumprimento

destes seria o fim do mundo, pois os sacrifícios sanguinários não apenas mantinham a humanidade terrena viva, mas poderia garantir a vida eterna a todos” (*Ibidem*).

É importante situar que o significado da morte na contemporaneidade sai do âmbito coletivo e comunitário e adentra o espaço dos hospitais, sendo agora considerado como uma circunstância vergonhosa e solitária, no qual a sociedade capitalista lança mão de vários artifícios para “[...] afugentá-la, como se negá-la de alguma forma fosse garantia de sua não-aproximação [...]” em uma “[...] corrida alucinada para esquecer que vai morrer e que tudo o que faz não tem, estritamente, nenhum sentido” (OLIVA-AUGUSTO, 1994, p. 168).

Para potencializar este processo de distanciamento da morte das dimensões da vida social, impõe-se medo a ela, como sendo o medo do desconhecido, do que não deve ser vivenciado, como algo que não é bom e não faz parte do ciclo da vida da humanidade. Kovács (1992) disserta sobre este temor, relacionando-o aos seguintes aspectos:

[...] a. Medo de morrer: Quanto à própria morte, surge o medo do sofrimento e da indignidade pessoal. Em relação à morte do outro é difícil ver o seu sofrimento e desintegração, o que origina sentimento de impotência por não se poder fazer nada. b. Medo do que vem após a morte: Quando se trata da própria morte e o medo do julgamento, do castigo divino e da rejeição. Em relação à do outro, surge o medo da retaliação e da perda da relação. c. Medo da extinção: Diante da própria morte existe a ameaça do desconhecido, o medo de não ser e o medo básico da própria extinção. Em relação ao outro, a extinção evoca a vulnerabilidade pela sensação de abandono (*Idem* p. 15).

Apesar do medo da morte ser utilizado como dispositivo de ocultamento do fenômeno, Kovács (1992) expõe que este é necessário em certos momentos, já que pode ser um meio de proteção a vida dos sujeitos na perspectiva de superação de seus instintos destrutivos como forma de autopreservação.

Com o surgimento da pandemia ocasionada pela COVID-19, o sentido da morte ganhou um novo significado, pois, precisou-se lidar com este fenômeno cotidianamente, sobretudo em seus momentos mais críticos, no qual os sujeitos foram obrigados a repensar seus modos de vida e também de morte. Portanto, este debate se faz imprescindível, tanto para contribuir com a literatura já existente sobre o tema,

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

quanto para desmistificar os desafios enfrentados por assistentes sociais neste momento tão crítico da história como a pandemia da COVID-19.

### 3 A PANDEMIA DA COVID-19 E OS REFLEXOS NA VIDA SOCIAL

A pandemia ocasionada pela COVID-19 se apresentou como uma crise sanitária que afetou a humanidade, ameaçando a continuidade da vida dos sujeitos. Isto se deu, tendo em vista a não existência de um tratamento curativo para a doença e pela alta mutabilidade do vírus, o que dificultou a criação de vacinas para imunizar a população contra a doença. Além disso, para que as consequências da alta taxa de propagação do vírus pudesse ser minimizada, necessitou-se “[...] de ações humanas, sejam elas de isolamento social, responsabilidade sanitária, pesquisas, estudos e desenvolvimento da ciência” (LOIOLA & CAVALCANTE, 2021, p. 112).

É necessário evidenciar que a pandemia pela COVID-19 trouxe à tona os efeitos da desigualdade social e econômica, além das consequências dos desmontes do Sistema Único de Saúde (SUS) ao longo dos anos. Esse momento deixa explícito as balizas do classismo, pois as pessoas viveram a pandemia de forma diferente, mesmo que esta fosse uma situação de perigo a todos os seres humanos, ou seja,

Percebe-se isso no perfil dos primeiros infectados pela doença e o número dos que mais morrem. As limitações sanitárias dos mais pobres implica um cenário por si só desolador, o qual se agudiza nesse contexto. Esses sujeitos são o público prioritário de atendimento de assistentes sociais (PEREIRA, 2020, p. 284).

Mesmo que o vírus não faça distinções sociais, de classe ou raça, há algumas questões que são determinantes para entender quem foram os sujeitos que puderam enfrentar a pandemia em melhores condições para garantir a sua sobrevivência e quem foram os que morreram de forma massiva. Os sujeitos que enfrentaram a pandemia de forma mais adversa se encontram nas periferias do país, onde houve uma intensa desatenção dos governos em dispor de condições oportunas “[...] de abastecimento de água, saneamento básico, coleta de lixo, habitação e urbanização, transporte público, atenção à saúde [...]” (NEGRI; SANTOS; KRUGER, 2020, p. 6).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Acompanhado deste problema estrutural vem as condições objetivas de manutenção da vida dos sujeitos, no qual a maior parte da classe trabalhadora sobrevive com menos de um salário mínimo ou estão desempregados, além de terem vínculos de trabalho fragilizados (CFESS, 2020, p. 1).

Nesse contexto, o ex-presidente da república apresentou atitudes negacionistas, menosprezando o potencial do vírus, verbalizando em rede nacional que se tratava apenas de uma “gripezinha”, além de se opor às medidas de proteção, sempre se fundamentando no discurso de que “a economia não poderia parar”, tendo total apoio dos grandes empresários manifestando “[...] mais uma vez seu caráter neofascista, ao tratar como mais importante a possibilidade de mortes de contingente da classe trabalhadora, em detrimento da manutenção dos lucros do capital” (MATOS, 2020 p. 2).

Mesmo com esta clara oposição da figura do poder executivo às medidas de enfrentamento à COVID-19, mais intensa no início da pandemia, os estados do Maranhão, Pará, Amapá, Amazonas, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte foram os primeiros a adotarem o *Lockdown* como estratégia para diminuir a propagação do vírus entre a sua população (UOL, 2020).

Mesmo com todas as medidas tomadas, milhares de pessoas continuavam sendo infectadas pelo vírus e recorriam aos serviços de saúde, que chegou em seu nível máximo de superlotação, no qual, pessoas evoluíam a óbito mesmo antes de serem socorridas. Não só a vida e a rotina das pessoas mudaram com a pandemia, mas das instituições, sobretudo da saúde, além da vida dos/das profissionais que atuavam na linha de frente ao combate da COVID-19.

Nesse íterim, como estratégia nacional para o enfrentamento da pandemia, foi publicada a Portaria nº 369 de 31 de março de 2020 denominada Ação Estratégica “O Brasil Conta Comigo – Profissionais da Saúde”, a qual orientou sobre a “[...] à capacitação e ao cadastramento de profissionais da área de saúde, para o enfrentamento à pandemia do coronavírus (COVID-19)” (BRASIL, 2020, p. 1). Esta

PROMOÇÃO



APOIO



portaria inclui o/a assistente social no rol de profissionais convocados para atuar no enfrentamento da crise sanitária.

O trabalho do/da assistente social em situações de calamidade está fundamentado, em termos de legislação, pelo Código de Ética do/a Assistente Social, onde, no Artigo 3º, *alínea d* expõe que o/a profissional deve “participar de programas de socorro à população em situação de calamidade pública, no atendimento e defesa de seus interesses e necessidades” (CFESS, 2012, p. 27).

O/A assistente social possui como seu objeto de trabalho as denominadas expressões da “questão social”. No campo da saúde estas se manifestam através da

[...] desnutrição, múltiplas formas de violência, especificidades relativas à criança e ao adolescente, idoso, mulheres, gestantes, tentativa de suicídio, falta de conhecimento sobre os direitos sociais, negligências, acesso desigual aos serviços e oportunidades advindas do usufruto desigual do fundo público (PEREIRA, 2020, p. 284).

No contexto da pandemia essas expressões se acirram, requerendo dos/das profissionais conhecimento teórico-político que o auxilie a obter subsídios sobre a crise humanitária vivenciada e sua conexão com o sistema capitalista, a fim de “[...] intervir nesta realidade segundo os fundamentos do serviço social” (NEGRI; SANTOS; KRUGER, 2020, p. 1).

Isto posto, as/os assistentes sociais também atuaram na linha de frente no enfrentamento à COVID-19, no intuito de que os sujeitos pudessem ter seus direitos viabilizados, sobretudo os que se encontravam nas instituições de saúde. Estes profissionais vivenciaram diversos desafios, tendo em vista o acirramento da questão social pela crise sanitária em voga. Os desafios escolhidos para serem analisados neste estudo foram os relacionados ao processo de morte dos sujeitos pelo vírus, os quais serão apresentados na subseção a seguir.

### 3.1 Processo de morte e COVID-19: desafios para os/as Assistentes Sociais de um CACON

#### PROMOÇÃO



#### APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Esta seção objetiva apresentar os desafios enfrentados pelos/as assistentes sociais atuantes em um CACON e que estiveram na assistência direta à pacientes oncológicos que contraíram a COVID-19. A partir da pesquisa realizada e do tratamento dos dados obtidos, emergiram 3 (três) categorias de análise, sendo estas: a alta demanda de óbitos, a organização dos óbitos junto aos familiares enlutados e, por fim, a requisição da comunicação de óbitos pela instituição empregadora.

No que diz respeito à alta demanda de óbitos, é importante evidenciar que este fenômeno se deu, tendo em vista que o ser humano nunca havia tido contato com a cepa do vírus causador da COVID-19, logo, não poderia ter uma resposta imunológica adequada para combatê-lo. Além disso, ainda se desconhecia um tratamento efetivo para a doença, culminando, assim, no agravamento dos casos até a evolução ao óbito (RAMOS *et al.*, 2022).

O/A paciente oncológico é considerado/a imunossuprimido/a pelas próprias características do câncer. Quando este/a é infectado pelo coronavírus “[...] tem risco aumentado para as infecções severas e uma probabilidade 3 a 5 vezes maior de necessitar de ventilação mecânica, de internação em UTI e de morte comparados com pacientes sem câncer” (AL-QUTEIMAT & AMER, 2020).

Nesse sentido, observou-se uma alta taxa de mortalidade entre pacientes oncológicos infectados pela COVID-19, considerando suas especificidades. Isto pode ser evidenciado no relato de uma dos/as participantes da pesquisa:

Dia 08 de maio [de 2020], nós perdemos de 07h da manhã à 13h da tarde quatorze pacientes entre o quinto e o sexto andar, tudo de uma vez. Aí ia morrendo, [o médico] tinha que comunicar o óbito, tinha que conversar com as equipes para lacerar. [...] Nós tivemos situações de ficarem corpos 24 horas na enfermaria com outros pacientes, então o psicológico do paciente ficava em frangalhos (AS3).

A COVID-19 foi uma doença que impactou diretamente nos sujeitos e em seus modos de vida a nível mundial. Sendo um fenômeno novo, a maioria dos países não estavam preparados para agir no controle da disseminação do vírus, resultando no colapso do sistema de saúde, já que houve o aumento da procura, e, em contrapartida, uma oferta limitada destes serviços, bem como os limites de resposta

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

para a contenção do vírus e no próprio atendimento às necessidades de todos os pacientes (FIOCRUZ, 2021, p.1).

Para o/a assistente social, o desafio foi lidar com algo nunca antes vivenciado e ao mesmo tempo ter que realizar o acolhimento e as intervenções necessárias junto aos familiares e/ou responsáveis pelo ente falecido para viabilizar as questões fúnebres, além de se deparar diretamente com o sofrimento emocional destes. É necessário evidenciar que os/as profissionais também adoeceram e foram afastados/as de seus postos de trabalho, gerando uma sobrecarga nos/as que permaneceram (LEONEL, 2021).

A organização dos óbitos junto aos familiares e/ou responsáveis enlutados foi outra questão que se intensificou durante a pandemia. Segundo o relato de uma dos/as participantes da pesquisa,

A questão do óbito não é só perder a vida, tem muitas perdas. Que estrutura eu tenho hoje? Eu me lembro da minha infância em que eu morava no interior e a comunidade inteira se juntava para fazer a construção da urna, outro grupo de pessoas era para fazer o café, o almoço. Tinha o grupo que cantava as músicas de despedida. Na cidade não é assim. Se não tiver um plano funerário fica muito mais difícil. Difícil assim principalmente pelo desamparo. A pessoa fica desamparada. Quem vai me dar dinheiro? Como vai enterrar? Com que aparato vai ser cumprido os rituais fúnebres? E outra coisa, na COVID não tinha velório. Então esse ritual era muito mais restrito, o sofrimento emocional era muito maior (AS1).

Evidencia-se que as orientações aos familiares e/ou responsáveis após o óbito de seu ente já se fazem uma competência do assistente social, segundo o que expõe os Parâmetros para a Atuação de Assistentes Sociais na Política de Saúde elaborado pelo Conselho Federal de Serviço Social (CFESS). Ou seja, o profissional deve

[...] realizar em conjunto com a equipe de saúde (médico, psicólogo e/ou outros), o atendimento à família e/ou responsáveis em caso de óbito, cabendo ao assistente social esclarecer a respeito dos benefícios e direitos referentes à situação, previstos no aparato normativo e legal vigente, tais como, os relacionados à previdência social, ao mundo do trabalho (licença) e aos seguros sociais (Danos pessoais causados por Veículos Automotores por via terrestre -DPVAT), bem como informações e encaminhamentos necessários, em articulação com a rede de serviços sobre sepultamento gratuito, traslado (com relação a usuários de outras localidades), entre outras garantias de direitos (CFESS, 2015, p. 51-52).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

Logo, a organização do óbito envolve todas as orientações sociais, previdenciárias e fúnebres que devem ser direcionados aos familiares e/ou responsáveis pelo/a paciente, bem como os devidos encaminhamentos para os órgãos que administram os benefícios que tais sujeitos possam ter direito. Na CACON *locus* desta pesquisa, é comum a realização do contato telefônico com as secretarias municipais, tendo em vista que este centro recebe usuários de vários municípios do estado, fazendo-se necessário a realização do traslado até seu lugar de origem.

O desafio manifesto para os/as assistentes sociais em relação a este aspecto se fez, sobretudo, no que diz respeito a realização das orientações que devem ser realizadas neste momento, principalmente pelo fato de os familiares e/ou responsáveis estarem em um momento de alta fragilidade emocional, principalmente por não poderem cumprir com os rituais fúnebres de despedida de seu ente, bem como na própria forma de prestar o acolhimento a estes sujeitos, tendo em vista as normas sanitárias que precisavam ser cumpridas naquele momento.

A pandemia gerou alguns impactos na rotina de trabalho do/da assistente social, sobretudo daqueles inseridos em contexto hospitalar, como:

[...] a rotina da relação do paciente com a família e a realidade exterior foram alteradas: as visitas foram suspensas e a presença de acompanhantes ficou restrita aos casos com justificativa clínica ou em decorrência da previsão legal para pessoa idosa, crianças, adolescentes, pessoas com deficiência. [...] Essas medidas implicaram sobremaneira o cotidiano da equipe, a qual se viu compelida pelas famílias, pacientes e a instituição quanto a questões que não condizem com as atribuições ou competências profissionais previstas em lei. Destacam-se nesse escopo requisição para repasse de boletim clínico, a comunicação de óbito, busca de pertences de pacientes, encaminhar o setor acompanhantes com sintomas gripais, visando substituí-lo por outro (PEREIRA, 2020, p. 288).

Pode-se observar que dentre as alterações na rotina dos serviços em que os profissionais estavam inseridos, foram feitas algumas requisições que não estavam entre o rol de competências e atribuições profissionais, previstas no Código de Ética destes, como exposto por Pereira (2020). Isto pode ser evidenciado a partir do relato de outro/a participante da pesquisa, a qual expôs que “[...] naquele momento a gente sabe que houveram várias tentativas de o Serviço Social passar boletim de óbito, o

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

que a gente sabe que foge da nossa competência enquanto categoria legitimada e com um código de ética consolidado que a gente tem (AS2).

No intuito de respaldar os/as assistentes sociais para que não realizassem estas atividades, o CFESS publicou em 31 de março de 2020 a Orientação Normativa n. 3/2020 que “Dispõe sobre as ações de comunicação de boletins de saúde e óbitos por assistentes sociais” (CFESS, 2020, n.p).

Esta normativa orienta que é direito das famílias receberem informações sobre as condições clínicas e o óbito de seus entes, além dos fatores que culminaram para a ocorrência deste. Estas informações precisam ser fornecidas por profissionais qualificados e que possuem os devidos conhecimentos para esclarecer todas as dúvidas da parte clínica e *causa mortis* que se apresentarem, cabendo ao/à assistente social somente orientar quanto aos direitos e benefícios que podem ser acessados no momento, bem como os devidos encaminhamentos sociais que podem ser realizados, deixando claro que não é de competência e atribuição profissional comunicar dados clínicos ou óbito, nem realizar triagens do estado clínico do usuário para que este acesse o serviço de saúde (CFESS, 2020).

Nesse momento, como já ressaltado, cabe ao/à assistente social orientar os familiares e/ou responsáveis quanto aos direitos que podem ser acessados, além de realizar os encaminhamentos e articulações necessárias. É interessante abordar que o fato de o objeto de trabalho profissional estar dimensionado na produção e reprodução das relações sociais, portanto, considerado como imaterial (FERRAREZ, 2016), é comum que a instituição faça requisições ao profissional, as quais, muitas vezes, não estão de acordo com o conjunto de dispositivos legais e teóricos que norteiam sua intervenção profissional.

### 3 CONCLUSÃO

A partir de todo o exposto neste trabalho, percebe-se que ao passo que a pandemia esteja em uma fase de abrandamento, considerando a grande cobertura

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



vacinal da população, observa-se ainda hoje os rebatimentos deste momento histórico no fazer profissional do/da assistente social, principalmente nos/nas que estão inseridos na área da saúde e lidam diretamente com pacientes que possuem doenças ameaçadoras da vida.

Abordar questões sobre a morte já se caracteriza um desafio, pois este fenômeno tomou um lugar de marginalidade na sociedade moderna, transformada em um tabu, retirando-a como parte do ciclo vital dos seres humanos. Mesmo que a pandemia tenha colocado a morte em centralidade, por esta se fazer presente de forma acentuada na vida do sujeito, continua escamoteada e mistificada.

Vários foram os desafios que se manifestaram para os/as assistentes sociais que participam deste processo, mas destacou-se três que mais ficaram evidentes durante a pesquisa: as dificuldades no próprio acolhimento à familiares e/ou responsáveis por pacientes oncológicos que evoluíram a óbito através da infecção pelo coronavírus, sejam estes pela alta demanda de atendimentos, sobretudo nos momentos mais críticos da pandemia, nas orientações relacionadas aos trâmites fúnebres, bem como pelas requisições de comunicação de óbito por assistentes sociais por diversos fatores.

Nesse sentido, é imprescindível que o/a assistente social entenda o que de fato corresponde ao seu fazer profissional, a fim de não incorporar práticas que destoam com o que pressupõe as suas competências e atribuições dispostas na Lei 8.662/1993 e no Código de Ética Profissional, bem como dos valores e direcionamentos defendidos pelo Projeto Ético-Político Profissional. Mas, para além disso, que estude também sobre o processo de morte, o qual, dependendo do seu contexto, também pode se caracterizar como uma expressão da “questão social”.

## REFERÊNCIAS

AL-QUTEIMAT, O.M.; AMER, A.M. The Impact of the COVID-19 Pandemic on Cancer Patients . American Journal of Clinical Oncology. Vol. 43, n. 6, 2020, p. 452-455.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

BRASIL. PORTARIA Nº 639, DE 31 DE MARÇO DE 2020. Dispõe sobre a Ação Estratégica "O Brasil Conta Comigo - Profissionais da Saúde", voltada à capacitação e ao cadastramento de profissionais da área de saúde, para o enfrentamento à pandemia do coronavírus (COVID-19). Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-639-de-31-de-marco-de-2020-250847738>>. Acesso em: 18 Mai 2023.

CFESS. Código de Ética do/a Assistente Social/Lei 8.662/93 de Regulamentação da Profissão. Brasília: CFESS, 2012.

CFESS. Parâmetros para Atuação de Assistentes Sociais na Política de Saúde. [2015]. Online. Disponível em: <[http://www.cfess.org.br/arquivos/Parametros\\_para\\_a\\_Atuacao\\_de\\_Assistentes\\_Sociais\\_na\\_Saude.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/Parametros_para_a_Atuacao_de_Assistentes_Sociais_na_Saude.pdf)>. Acesso em: 12 Jun 2023.

CFESS. Orientação Normativa n. 3/2020 de 31 de março de 2020. Dispõe sobre ações de comunicação de boletins de saúde e óbitos por assistentes sociais. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/arquivos/OrientacaoNormat32020.pdf>>. Acesso em: 25 Mai 2023.

CFESS. CFESS Manifesta. Os impactos da pandemia do Coronavírus no trabalho do/a Assistente Social. Brasília, 23 de março de 2020b. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/arquivos/2020CfessManifestaEdEspecialCoronavirus.pdf>>. Acesso em: 22 Mai 2023.

FERRAREZ, Cynthia Santos. Processo de Trabalho e Serviço Social: particularidades do debate crítico sobre a profissão. 2016 [online]. Disponível em: <<https://www.cressrj.org.br/wp-content/uploads/2016/05/079.pdf>>. Acesso em: 14 Jun 2023.

FIOCRUZ. Boletim Observatório Covid-19: 2021. Disponível em: <[https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim\\_extraordinario\\_2021-marco-16-red-red-red.pdf](https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim_extraordinario_2021-marco-16-red-red-red.pdf)>. Acesso em: 17 Mai 2023.

KLUBER-ROSS, Elisabeth. Sobre a Morte e o Morrer. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=MDTGDgAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=MDTGDgAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 27 de 17 Mai 2023.

KOVÁCS, Maria Júlia. Morte e Desenvolvimento Humano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LEONEL, F. Pesquisa Analisa o Impacto da Pandemia Entre Profissionais de Saúde. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-analisa-o-impacto-da-pandemia-entre-profissionais-de->>

PROMOÇÃO



APOIO

